

Curso Autonomia e Movimentos



Dossiê “Mercado Sul Vive”

Seguem nas próximas páginas alguns documentos produzidos pela Ocupação “Mercado Sul Vive” desde seu surgimento até os dias mais recentes,. As publicações estão em ordem cronológica. Boa leitura!



Índice

- P. 02 - Comunicado – Ocupação “Mercado Sul Vive”
- P. 05 - Histórico do Mercado Sul Vive
- P. 08 - 1 Ano de Ocupação Mercado Sul Vive
- P. 12 - Reinventando a luta urbana: Ancorada na comunidade e legitimada pela história do lugar, a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive luta pela cultura popular, pelo direito à cidade e pela autonomia
- P. 15 - Carta Aberta da Ocupação Cultural Mercado Sul Vive – Assassinatos, prisões e a ocupação
- P. 17 - Carta Aberta da Ocupação Cultural Mercado Sul Vive – criminalização e água como direito humano

Comunicado – Ocupação “Mercado Sul Vive”

O Coletivo “Mercado Sul Vive”*, comunica à sociedade do Distrito Federal que neste sábado (07) inicia um processo de retomada da cidade em parceria com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST). Frente ao descaso do poder público e à forte presença de especulação imobiliária nos espaços onde convivemos, decidimos ocupar construções ociosas no Mercado Sul em Taguatinga e torná-las vivas em nosso cotidiano, cumprindo uma função social.

Caminhando historicamente com a cidade de Taguatinga, o Mercado Sul foi construído na década de 50, antes mesmo da inauguração de Brasília, sendo um dos primeiros centros comerciais do DF e uma das primeiras edificações de Taguatinga.

A partir da década de 70, a chegada das redes de supermercados e das lojas nas avenidas comerciais levou muitos comerciantes à falência. O Mercado Sul perdeu feirantes e público. Muitas lojas foram então desocupadas, outras viraram depósito de bananas. Essa dinâmica de um convívio misto entre espaços ocupados e outros abandonados teve início nesta época.

Nas décadas de 70 e 80, o que era uma feira em decadência virou reduto da boemia underground de Taguatinga. Essa movimentação sofreu muito preconceito e o lugar passou a ser encarado com certa estigmatização. Com uma leitura um pouco diferenciada desse olhar distante e preconceituoso, entendemos que esse movimento já era o início da ocupação cultural que mais tarde caracterizaria tão fortemente o local. Em meio a essa vivência boêmia estavam poetas, músic@s e uma série de artistas e pensadores que caminhavam na contracorrente cultural. Muitos deles chegaram a alugar lojas e montar serigrafias, estúdios fotográficos, dentre outros.

A partir dos anos 90, o ressoar da viola começa a sintonizar outros agentes de mudança para a real revitalização do Mercado Sul. Hoje, ele é uma vila cultural, também conhecido como Beco ou Beco da Cultura. A chegada da família de “Seu Dico”, luthier (fabricante artesanal) de violas, iniciou uma fértil ocupação artística integrada à chegada de antigos e novos moradores e trabalhadores.

A partir daí o Mercado Sul passou a ser uma referência cultural e logística para artistas, famílias e trabalhadores, além de um refúgio da especulação imobiliária de Taguatinga, ganhando mais força na última década com o movimento de pontos de cultura, cultura livre e educação popular.

Aqui foram formados grupos, espaços culturais, ateliês, oficinas, estúdios, produtoras, coletivos e ações, todos se retroalimentando da efervescência cultural encontrada no local, produzindo e oferecendo arte e cultura para a comunidade.

Com o passar dos anos, o Beco da Cultura se firmou como um ponto de referência de cultura que ultrapassou os limites da comunidade dentro da cidade e até mesmo fronteiras, estabelecendo redes com vários outros locais no país e no mundo, principalmente promovendo e articulando várias manifestações da cultura popular. Aqui se canta coco, Rap, repente e maracatu, se dança break e forró e joga capoeira, espadas e futebol. Na comunidade também se reúnem experiências que

promovem a saúde da mulher e coletiva, além de vários outros processos criativos.

Entretanto as consequências do aumento dos preços dos aluguéis aliados ao já mencionado descaso do poder público e dos proprietários sobre a área vem caindo sobre todos os moradores e trabalhadores do Mercado Sul. A especulação imobiliária se tornou regra e vários espaços estão abandonados há anos pra servi-la, contribuindo com a produção e reforço de um processo mundial nos espaços urbanos, a gentrificação, que expulsa as pessoas cada vez mais para as periferias das cidade por não conseguirem mais arcar com o preço cobrado pelo mercado imobiliário.

Somados ao grave problema social e econômico já mencionados, vários outros surgem com a manutenção ociosa destes espaços:

– Alto índice de dengue na região, muitas lojas se encontram sem boa parte da cobertura e com entulhos dentro, formando lugar ideal para a procriação do mosquito. Infestação de outros animais como pulgas, ratos e baratas.

– Refúgio a pequenos comerciantes de drogas e esconderijo para pessoas que acabaram de cometer delitos contribuindo com um clima de receio e opressão nas pessoas que lá vivem e transitam, tornando o lugar ainda mais ermo. Esse mal uso serve também para estigmatizar o lugar e todos seus moradores e frequentadores.

Queremos que o Mercado Sul seja terra fértil para viver e fazer arte, gerar e compartilhar sonhos e projetos. Essa vivência saudável e criativa já existe em grande parte do Beco, agora queremos expandir essa ação. Taguatinga não quer apenas viver uma dinâmica de vida a mercê do mercado financeiro e imobiliário, não quer só dormir e bater ponto em algum trabalho distante. Quer produzir e vivenciar arte e cultura. A memória e história da cidade, sua agitada vida cultural, não pode ser esquecida, precisa ser reforçada, garantida, estimulada e tratada com respeito.

No plano institucional e jurídico, validamos nossas reivindicações no Estatuto da Cidade, na Constituição Brasileira e em documentos internacionais os quais o Brasil é signatário, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos e Agenda Habitat.

Nossa pauta de reivindicações que apresentamos ao GDF é a seguinte:

1. Reconhecimento do Mercado Sul/Beco da Cultura como patrimônio imaterial cultural do DF (formação imediata de equipe da Secult/GDF e IPHAN para início dos estudos e trabalhos na área);
2. Desapropriação e cessão de direito de uso das unidades ociosas passando a cumprir sua função social sendo ocupadas conforme decisão do coletivo “Mercado Sul Vive”;
 - a. Levantamento minucioso da cadeia dominial do Mercado Sul com o intuito de regularização e pacificação da questão sem prejuízos para as partes (este item não pode ser compreendido descontextualizado ou isolado dos demais pontos da pauta);
 - b. Garantia de manutenção da ocupação até a regularização fundiária do projeto de ocupação do Mercado Sul sem custos para os ocupantes;

c. Apoio na legalização da nova composição fundiária da ocupação junto aos poderes Executivo, Judiciário e Legislativo (local e federal);

3. Reconhecimento do projeto urbanístico para revitalização e adequação de uso para finalidades culturais, sociais e habitacionais proposto pelo coletivo “Mercado Sul Vive”;
4. Viabilização de recursos para a realização de projeto urbanístico sustentável que inclua saneamento básico, coleta de resíduos sólidos, drenagem urbana, entre outros.

Reafirmamos nosso apoio à luta por moradia digna e reforma urbana empreendida exemplarmente pelo MTST, assim como apoiamos a diversas lutas em defesa do Direito à Cidade.

A cidade para quem a vive, a sonha e a constrói! Nenhum passo atrás!

Mercado Sul / Beco da Cultura Vive!!!

Taguatinga – 07 de fevereiro de 2015

* Constituído por artistas, artesãos, músicos, brincantes da cultura popular, designers, jornalistas, produtores e realizadores de vídeo e trabalhadoras da área gastronômica, dentre outros.

Histórico do Mercado Sul Vive

Caminhando historicamente com a cidade de Taguatinga, o Mercado Sul foi construído na década de 50, antes mesmo da inauguração de Brasília, sendo um dos primeiros centros comerciais do DF. “Conheci aqui quando era realmente uma feira, tipo uma feira livre, gente tropeçando em gente, entre os anos 65 e 68”, comenta Seu Heleno, tapeceiro que trabalha no Mercado Sul desde a inauguração.

A partir da década de 70, a chegada das redes de supermercados à cidade levou muitos comerciantes à falência. Armazém, armarinho, açougue, lanchonetes... O Mercado Sul perdeu feirantes e público. Houve época que as lojas ficaram vazias e outra que virou depósito de bananas, como também conta Seu Heleno. Mas a ocupação dos pequenos boxes de lojas, ora abandonados, ora em desuso, começou aí mesmo.

Ocupação Cultural

Nas décadas de 70 e 80, o que era uma feira em decadência virou reduto da boêmia underground de Taguatinga. Ao lado do Mercado Sul funcionou o famoso e extinto Clube dos 200, por onde passou o Sarro Disco Show e as principais bandas de baile de Brasília. Os dois locais mantiam um diálogo direto, quem ia para o Clube terminava a noite nos bares e casas de prostituição do Mercado Sul.

Para muitos, esses 20 anos de vida marginal foram a face decadente do local. Por outro lado, entendemos que esse movimento já era o início da ocupação cultural. Em meio à boêmia estavam poetas, músic@s e uma série de artistas e pensadores que caminhavam na contramão do sistema cada vez mais capitalista que banhava a Capital. “O Mercado Sul foi minha usina de sonhos”, afirma o fotojornalista Ivaldo Cavalcante, no livro Taguatinga – Duas Décadas de Cultura.



Foto: André Duarte

Consolidação e Ocupação

A partir dos anos 90, o ressoar da viola começa a sintonizar outros agentes de mudança para a real revitalização do Mercado Sul. Hoje, ele é uma vila cultural, também conhecido como Beco ou Beco da Cultura. A chegada da família de “Seu Dico”, luthier (fabricante artesanal) de violas, iniciou uma fértil ocupação artística integrada à chegada de antigos e novos moradores e trabalhadores. Seu Dico, filho e neto estão lá até hoje, mantendo a tradição da lutheria.

Nos anos 2000, o mestre mamulengueiro Chico Simões leva para o Beco a sede do Teatro de Mamulengo Invenção Brasileira. Anos depois, a sede vira Ponto de Cultura, espalhando sementes e chamando cada vez mais artistas, produtores e agitadores culturais, como a Oficina Memulengo Gentil, do Moisés. O mestre artesão Virgílio Mota, da Tempo Eco Arte, resume: “Eu costumo dizer que aqui é uma universidade, apesar de eu ser avesso à escola. Mas aqui é uma escola de primeira instância. Eu não trocaria uma mansão no Lago Sul pela minha loja aqui no Beco.”

Outro importante marco nos anos 2000 foi o Cineclube Motirõ. Durante 5 anos, o projeto consagrou o caráter comunitário e autônomo do Beco, em especial com as novas gerações. Foram realizadas oficinas e vivências, além da cozinha comunitária e do acervo livre de livros e filmes. “O coletivo durante muito tempo foi eu e as crianças. Elas que ajudavam a organizar as exposições e as festinhas. Tudo que acontecia era gratuito”, conta André Duarte, idealizador do Cineclube. Por essa época o Beco viveu também os movimentos do Espaço Cultural Terra Vermelha.



Foto: Nara Oliveira

Da cozinha comunitário do Motirõ, veio o Caferó, mais tarde Cio da Terra, onde eram produzidos e vendidos alimentos integrais e artesanais, como os deliciosos “pães da Elaine”. Foi um tempo fábrica e depois café. Também a partir do Motirõ, o Mercado Sul abrigou, entre 2011 e 2014, o Espaço Cultural Mercado Sul, autogestionado pelos grupos Eu Livre, Casa Moringa, Estúdio Gunga e Semente do Jogo de Angola. O Espaço puxou diversas atividades internas e coletivas,

como o Arraiá do Beco. Vale lembrar a passagem da Tribo das Artes, em 2011, e a crew da Síndrome Criativa, em 2014.

Hoje, o Mercado Sul celebra, dia a dia, uma fusão de fazeres e saberes de pessoas e ações que por lá passaram e ficaram. A boêmia ficou na memória. No Beco tem costureira, borracharia, oficina, prato-feito, café-bar, ateliê, luthieria, espaço cultural, produtora, estúdio de comunicação, rádio, manicure, cabeleireiro, alfaiate, igreja, brechó... Tudo junto, misturado, interagindo com respeito às diferenças. No Beco as crianças brincam na rua, constroem seus brinquedos. Conversamos nas calçadas, plantamos no pneu, criamos e fazemos projetos. Vivemos!



Foto: Síndrome Criativa

*Em meio ao barulho
Concreto e fumaça
Há um beco com flor
Há um beco com graça

A natureza andante
Aqui faz sua história
Num presente que manda
Pro futuro a memória

Pelo direito à cidade
Contra a especulação
Ainda viro este mundo
Em “festa, trabalho e pão”*

– Poesia de Keyane Dias, para o zine do Beco

1 Ano de Ocupação Mercado Sul Vive

Taguatinga – 07 de fevereiro de 2015

Há um ano superamos o medo e o isolamento característico do individualismo. Sabe, aquela eterna busca por soluções imediatas ou estruturais que pela correria ou pela comodidade acabamos por encaminhar sozinhos/as?! Então, percebemos que coletivamente a nossa força para resolver as coisas, propor e até mesmo construir outras tantas seria maior.

É como diz a canção – “Ô companheiro me ajude que eu não posso cantar só / Eu sozinho canto bem mas com você canto melhor”! Assim buscamos fazer nossa caminhada. Uma força coletiva. Bem, não é que percebemos isso da noite pro dia. Chegou um momento em que precisamos ter isso mais claro e organizado para poder dar aquele passo a mais – a ação. A fomentação do que chamamos de festa – a conquista de nossos direitos deve ser sempre celebrada, assim chamamos a noite da ocupação – foi composta por vários elementos, várias trajetórias e temperos. Talvez o mais importante – nosso sentimento de pertença, nosso lugar no mundo, o território que nos envolve e a comunidade que nos acolhe, ensina e ressignifica cotidianamente. Daqui partimos para uma longa jornada – retomar a cidade a partir de onde estamos, compreendendo quem somos, o que nos constrói e até onde podemos chegar. Ufa!! Ninguém disse que seria fácil, mas tem sido um aprendizado bem cabuloso e prazeroso...

Para compreender um pouco do que estamos falando, é preciso contar brevemente a história deste local.

O Mercado Sul foi construído na década de 50 em Taguatinga, antes da inauguração de Brasília. Surgiu em uma cidade feita para e por trabalhadores recém-chegados à região para a construção da capital e que, movidos pelo sonho de uma vida melhor, mudaram-se para o Planalto Central, não encontrando abrigo na anunciada “modernidade” que ajudavam a edificar com seu suor. Com o tempo, Taguatinga consolidou-se como realidade para estes trabalhadores e Brasília um sonho cada vez mais distante. E foi nesta realidade que o Mercado Sul foi construído como um dos primeiros centros comerciais do Distrito Federal, mantendo uma forte movimentação nesta área até a década de 70, quando iniciou-se um período de decadência comercial e vários espaços foram desocupados, tendo início uma dinâmica mista de ocupação e abandono.

Ainda na década de 70, adentrando os 80, o lugar transformou-se em um reduto para um segmento identificado com a boemia underground de Taguatinga. Músicos, poetas e artistas de diversas linguagens e propostas passaram a vivenciar os becos do Mercado sul, montando seus espaços de criação e trabalho em lojas no local. Aos poucos as lojas também passaram a servir como moradias e a receber pequenos empreendimentos que ofereciam serviços diversos como conserto de estofados, lanternagem, sapataria, marcenaria, serralheria, bares, dentre outros.

Na década de 90 o ponteio da viola ressoou no beco com a chegada do fabricante artesanal do instrumento (luthier) “Seu Dico”, que junto com a família iniciou uma fértil ocupação artística integrada à chegada de antigos e novos moradores e trabalhadores. No fim da mesma década e início dos 2000 deu-se a chegada do grupo de teatro Mamulengo Presepada, cuja sede viria a se

tornar o Ponto de Cultura Invenção Brasileira em 2005. Nos anos seguintes, o Invenção tornou-se um espaço catalisador e agregador de vários fazeres da cultura e jovens da região, tendo firmado várias parcerias e foi contemplado com vários prêmios pelo Ministério da Cultura. A movimentação cultural estimulada e proporcionada por este espaço ajudou a consolidar uma intensa dinâmica de processos formativos que contribuiu com a criação de diversos coletivos e grupos culturais, facilitando também a acolhida de vários projetos e sonhadores de várias partes do país e do mundo.

De portas sempre abertas, o Beco da Cultura, como também ficou conhecido o Mercado Sul, viu chegar e surgir vários processos organizativos, e como já mencionado, nele foram criados vários coletivos e projetos culturais, tendo destaque mais recentemente a criação do “Espaço Cultural Mercado Sul”, que durou cerca de 3 anos mantido por 4 coletivos e que acabou sucumbindo, dentre outros fatores, à pressão e especulação imobiliária, motivado pelo aumento de aluguel. São tantos os coletivos e grupos criados no Beco que não cabe mencionar aqui pra não se cometer injustiças por esquecimento.

O Mercado Sul acolhe diversas propostas e experiências, constituindo-se uma trama de relações e ofícios diversos, um verdadeiro encontro de fazeres e conhecimentos de distintas matrizes que constroem um sentimento de partilha de destino genuíno de uma comunidade. Em seus becos, lojas e moradias emergem uma organização assentada no território, ligada aos saberes tradicionais e populares, enredada cultural e politicamente com outros grupos e lugares, aberta ao novo que solidariamente respeita a vida e o outro, marginal no sentido de não se interessar em compor o mainstream cultural e autonomista na práxis cotidiana e no desejo de um mundo economicamente justo e ambientalmente sustentável.

No Beco sambamos, brincamos coco e jongo; foliamos em fevereiro e junho (isso quando não atrasa...); jogamos capoeira e futebol; cantamos rap, repente e maracatu; dançamos break, forró e baião; temos espaço para o teatro e para as façanhas dos mamulengos; para experiências que promovam a saúde da mulher e coletiva; reciclamos e ressignificamos materiais como o papelão e sacos de cimento, dando vida e sonoridade a eles; construímos e partilhamos espaços de economia solidária; bicicletamos a cidade com nossas rodas rebeldes; criamos vídeos, trabalhos gráficos e projetos com software livre; nos articulamos com propostas agroecológicas e nos organizamos para ir às ruas por nossos direitos, seja contra a tarifa da máfia do baú, seja por uma moradia digna em uma cidade que pertença verdadeiramente a todos/as.

O Mercado Sul também é um espaço de constante aprendizado, onde são estimulados e reforçados os sentimentos e princípios de cooperação, horizontalidade e laços comunitários. Em geral, os processos educativos buscam respeitar o conhecimento dos/as participantes, partir da realidade concreta e não menosprezam elementos como o sagrado e a espiritualidade, desde que não reforcem práticas e relações opressivas.

É neste caldeirão que no fim de 2014 e início de 2015 se deram as primeiras movimentações e articulações preparatórias para o processo de ocupação que aconteceu na madrugada do dia 6 para o dia 7 de fevereiro deste último ano.

Éramos um grupo de fazedores e produtores de cultura, atores, atrizes, cantores/as, artesãos

e artesãs, costureiras e cozinheiras diante de uma sombria realidade de abandono do poder público e domínio do capital imobiliário, que preferia manter uma série de espaços fechados e insalubres, valorizados numa nefasta lógica econômica urbana, que torná-los vivos e pertencentes a uma cidade acessível, acolhedora e saudável. Alguma coisa precisava ser feita e ela se deu através da coragem e organização.

Nos mobilizamos em torno de um grupo que passou a se chamar “Movimento Mercado Sul Vive” (MSV), e nos articulamos com outros movimentos parceiros e com mais experiência de ação, como o Movimento Passe Livre (MPL) e Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem-Teto (MTST). Este tinha planejado uma grande ação no início do ano promovendo várias ocupações simultâneas e solidariamente nos incorporou no processo que emergiria na madrugada do dia 7 de fevereiro. É neste período (vivo, mas bem tenso viu...) que também nos aproximamos do coletivo da Assessoria Jurídica Universitária Popular Roberto Lyra Filho (AJUP), grupo com quem consolidamos uma boa aproximação ao longo da caminhada.

Aí “nascia” o MSV que agora completa um ano de muita resistência, superação, festa, produção cultural, aprendizado com a delícia da rebeldia, da maturidade política e os sabores e dissabores das tretas (claro, somos uma comunidade demasiado humana!).

Assim seguimos nossa trajetória na luta pelo direito à cidade e na busca da construção de um mundo mais justo e solidário. Compreendemos desde o início da ocupação que a propriedade deve cumprir uma função social e fomos buscar amparo na lei – Estatuto da Cidade, um dispositivo limitado mas suficiente quando se associa a outros diplomas nacionais e internacionais, conhecimentos que vão além do universo jurídico e disposição à justa resistência.

Enfrentamos complexos processos jurídicos, sentamos inúmeras vezes para negociar com os governos na esfera distrital e federal, discutimos e avaliamos patrimônio material e imaterial, aprofundamos o sentido e conceitos de comunidade, cultura, movimento, estado e governo, fomos e voltamos, fizemos cirandas e fogueiras, giramos a cidade em duas ou mais rodas construindo outros significados para a mobilidade urbana, em síntese, não paramos, nos movimentamos constantemente no prazer de fazer o caminho caminhando.

Neste ano fizemos tantas atividades que não tem como listar aqui (não é nos gabando não viu?! É verdade!). Cada vez mais temos nos encontrado no sentido da organização, não uma organização hierárquica e sufocante, longe disso, mas uma organização que nos conduza coletivamente pelos caminhos que temos que traçar e sonhos que buscamos realizar.

Não somos perfeitos e totalmente harmônicos, que isso fique bem claro. Toda quebrada tem treta que não acaba mais, e a nossa não é diferente. A nossa diferença talvez seja que buscamos aprender e crescer com os problemas e não buscar o caminho da violência, seja individual ou institucional. Afinal, quem quer um mundo melhor com mais violência, polícia e presídios?!

Bem, este é o Movimento Mercado Sul Vive que faz aniversário bem no carnaval. Simbólico isso né?! Mas não tira a gente de vagabundo não hein?! O carnaval é uma festa e manifestação popular importantíssima que tem sofrido cada vez mais repressão e perdido espaço. Brasília é o pior exemplo neste sentido.

Um ano construindo dignidade, não somente aquela dignidade moderna e individualista da “pessoa humana”, mas uma dignidade coletiva, comunitária, como bem nos ensinam várias tradições indígenas que só consideram que há dignidade quando o individual, o familiar e o comunitário se associam saudavelmente e caminham de mãos dadas.

Um ano em defesa da cultura popular, da agroecologia, de relações econômicas solidárias e justas, dos saberes e conhecimentos tradicionais em diálogo com sonhos libertários, em defesa de uma cidade livre do domínio da lógica do capital, da construção de processos que superem relações de opressão como o machismo, racismo, homofobia e outras tão presentes em nosso dia a dia. Um ano de luta, festa e pão.

E estamos apenas começando.

Vida longa ao Movimento Mercado Sul Vive e sua ocupação!

♪ ♪ ♫ ♫ Pisa ligeiro, pisa ligeiro / Quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro ♪ ♪ ♫
♪

(Matéria publicada no Lemonde Diplomatique: <http://diplomatique.org.br/reinventando-a-luta-urbana/>)

MEMÓRIA VIVA E RESISTÊNCIA

Reinventando a luta urbana

Ancorada na comunidade e legitimada pela história do lugar, a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive luta pela cultura popular, pelo direito à cidade e pela autonomia

por: Diego Mendonça, Keyane Dias e Webert da Cruz

4 de abril de 2016



Para além do traçado reto do Plano Piloto da capital, existem muitas linhas escondidas no Distrito Federal. Vidas e histórias que caminharam ao lado da construção de Brasília, mas foram abafadas na narrativa da cidade planejada e vendida como terra prometida. Uma dessas linhas é escrita no Mercado Sul, quadra comercial localizada na região administrativa de Taguatinga. Uma história que se iniciou há mais de cinquenta anos e que está sendo ressignificada, desde fevereiro de 2015, com a Ocupação Cultural Mercado Sul Vive, uma ação coletiva e autogestionada contra a especulação imobiliária que luta pelo direito à cidade e pela valorização da cultura popular.

O Movimento Mercado Sul Vive (MSV) está se consolidando por meio das dinâmicas

provocadas pela ocupação, unindo fazedores de cultura, artesãos, coletivos parceiros e tantos outrostrabalhadores e moradores que, diante de uma realidade de abandono do poder público e domínio do capital imobiliário, se organizaram e partiram para a ação. Essa diversidade de atores reivindica moradia, trabalho e o direito ao uso cultural coletivo de espaços abandonados, que limitavam a segurança e a saúde da comunidade.

Por meio do movimento de ocupação, o Beco da Cultura, como também é conhecido o Mercado Sul graças à sua movimentação cultural, tem se posicionado politicamente diante da sociedade local, entendendo que a propriedade deve cumprir uma função social. Para isso, busca amparo no Estatuto da Cidade, um dispositivo legal que o coletivo considera limitado, mas suficiente para a estratégia de luta.

“Enfrentamos complexos processos jurídicos, sentamos inúmeras vezes para negociar com os governos na esfera distrital e federal. Discutimos e avaliamos patrimônio material e imaterial, aprofundamos o sentido e conceitos de comunidade, cultura, movimento, estado e governo. Fomos e voltamos, fizemos cirandas e fogueiras, giramos a cidade em duas ou mais rodas construindo outros significados para a mobilidade urbana. Em síntese, não paramos, nos movimentamos constantemente no prazer de fazer o caminho caminhando”, afirma a carta que celebra um ano da ocupação.

Esse recorte da carta apresenta uma característica marcante do Mercado Sul Vive, que é se identificar com os saberes das culturas tradicionais associados às dinâmicas e práticas dos novos movimentos sociais. O coletivo tem reforçado o sentido de comunidade, ancorado no território e no fazer cultural local, ao mesmo tempo que potencializa ideias e processos de caráter autonomista diante do Estado e do mercado.

Histórico de uma ocupação antiga

Quando se anda pelas ruas de Taguatinga Sul é fácil estranhar a arquitetura diferenciada de três conjuntos de lojas, formando dois estreitos becos. Resistindo ali, em meio aos grandes prédios e às áreas destinadas a igrejas, o Mercado Sul foi construído e inaugurado antes mesmo de Brasília, no fim dos anos 1950, sendo um dos primeiros centros comerciais do Distrito Federal. Boa parte da arquitetura original é mantida ainda hoje. Suas lojas serviram para abastecer os trabalhadores da região.

Nas décadas de 1970 e 1980, com poucos comerciantes ativos, o Mercado Sul foi povoado pela boemia, virou um reduto underground. Nessa mesma época, o Beco atraía poetas e músicos. Aos poucos, as lojas também passaram a servir como moradia e a receber pequenos empreendimentos que ofereciam serviços diversos.

Um ponto de virada se deu nos anos 1990 com a chegada de Mestre Dico, luthier e violeiro, um dos primeiros a firmar raiz. Ele mantém uma oficina no Mercado Sul até hoje, uma tradição familiar de gerações. Com o tempo, vários grupos se estabeleceram no local. Nos anos 2000, a formação do Ponto de Cultura Invenção Brasileira teve um importante papel de mobilização de

artistas e jovens na região. Na esteira dessa movimentação chegaram a Oficina Tempo EcoArte, o Cineclube Motirõ, a EcoFeira e tantos outros coletivos que se consolidaram e continuam a semear os fazeres no Beco da Cultura.

Uma luta contínua

“Hoje, com a efervescência cultural e política trazida pelo processo de ocupação e com a chegada de novos grupos e atores para esse caldeirão, o Mercado Sul se confirma ainda mais como território de encontro, diversidade e criação artística em todas suas formas”, conta Nara Oliveira, integrante da ocupação. “Esses espaços de encontro estão tanto no dia a dia do lugar quanto nos eventos promovidos pela ocupação e coletivos locais. Essa movimentação vem com a certeza de que a cidade precisa de espaços para ser vivida, construída e transformada”, conclui Nara.

Diante de um cenário político complexo, em que o conservadorismo tem crescido, a Ocupação Mercado Sul Vive se destaca como um espaço de resistência, onde seus integrantes, comunidade e coletivos do Distrito Federal e entorno vivenciam e compartilham relações mais justas e solidárias na construção de um outro mundo possível. Abder Paz, também integrante do movimento de ocupação, acrescenta: “Neste momento, um dos nossos desafios é a luta pela garantia, o aprofundamento e o avanço dos direitos, ao mesmo tempo que travamos a disputa na construção de sentidos e narrativas na esfera cultural da sociedade”.

No processo de resistência, o coletivo deixa claro que não pretende abrir mão de suas raízes, sem com isso se fechar para a possibilidade de reinvenção. “A Ocupação Cultural Mercado Sul Vive tem em seu horizonte potencializar o que foi construído até aqui, se consolidando como um espaço colaborativo a serviço da diversidade, sempre se reinventando e experimentando”, diz Abder. Na caminhada, o grupo tem se referenciado nas experiências e lutas dos movimentos da cultura popular, quilombola, zapatista e Passe Livre, buscando unir perspectivas tradicionais com propostas de organização no meio urbano.

A luta do Mercado Sul Vive também está sendo travada no âmbito jurídico. Desde o primeiro dia de ocupação, o coletivo interpela recursos aos processos abertos pelo reivindicante proprietário dos espaços ocupados. Nessa área, o MSV conta com o suporte solidário da Assessoria Jurídica Universitária Popular Roberto Lyra Filho (Ajup), projeto que assessora o movimento em todas as causas judiciais e tem obtido significativas vitórias até o momento.

Esta é a história de uma das linhas que insiste em vislumbrar beleza e resistência fora dos traçados retos, distante das estruturas do poder institucional e da política hegemônica. Um ponto fora da curva nos tempos correntes. Em última medida, a experiência da ocupação insiste no direito de transformar o espaço urbano para ser mais do jeito e uso das pessoas, na busca por autonomia e sustentabilidade. Um respiro de esperança nos dias sufocantes de polaridade política e ascensão conservadora.

* Diego Mendonça é mestre em Direitos Humanos e Cidadania e realizador audiovisual; Keyane

Dias, jornalista, educadora e poeta, integra o Coletivo Eu Livre – Educação e Saúde; e Weibert da Cruz é educador, comunicador popular, estudante de Jornalismo e pesquisador sobre educomunicação na Universidade Católica de Brasília.

Carta Aberta da Ocupação Cultural Mercado Sul Vive – Assassinatos, prisões e a ocupação

9 abr, 2016



Nesta sexta-feira, 08 de abril, o Movimento Ocupação Cultural Mercado Sul Vive! retomou as atividades do Caracol, um espaço aberto de discussão, reflexão e troca de saberes a respeito do momento em que vivemos, analisando o histórico das estruturas sociais, políticas e econômicas.

Infelizmente, 2 crimes exigem nosso posicionamento urgente:

Expressamos **nossa indignação** frente aos **assassinatos** dos trabalhadores **Vilmar Bordim e Leomar Bhorbak**, numa ação da polícia e seguranças da empresa Araupel, em Quedas do Iguaçu, no Paraná, da qual ainda saíram feridos mais 6 companheiros, e também perante à **prisão arbitrária e ilegal** do **Cacique Babau Tupinambá** e seu irmão **Teity Tupinambá**, em Olivença, no sul da Bahia.

Ambos fatos aconteceram dia 7 de abril, e se somam à escalada da violências e intolerâncias contra os movimentos sociais.

Expressamos nossa solidariedade às famílias e às companheiras e companheiros que tiveram suas vidas tocadas por essas injustiças e exigimos respeito às leis, à Constituição Federal e à dignidade humana.

Segundo o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, os assassinatos resultaram de um ataque realizado pela Polícia Militar e junto com seguranças contratados pela empresa Araupel, que atiraram contra uma caminhonete onde estavam os trabalhadores, próximo ao Acampamento Dom Tomás Balduino.

O Movimento reivindica essa área, que é pública, há cerca de 20 anos. O Acampamento foi estabelecido em 2014, e conta com cerca de 1,5 mil famílias.

Já o Cacique Babau e seu irmão, Teity, vistoriavam uma parte da Terra Indígena Tupinambá de Olivença onde empresas mineradoras mantêm um areal clandestino, próximo à Aldeia Gravatá. No dia anterior, 6 de abril, as famílias da Gravatá foram desalojadas por um forte esquema policial, em cumprimento a um mandato de reintegração de posse.

Babau é uma das principais lideranças indígenas do Brasil, e assim como todos os povos indígenas, quilombolas, e camponeses que pregam e praticam uma vida no campo com justiça e dignidade, sofre seguidas ameaças e violências.

O Movimento Mercado Sul Vive! se conecta com os movimentos de luta pela terra, pelo direito à cidade e pela construção da autonomia dos povos dos campos e cidade, referenciadas pelas práticas e saberes ancestrais sintonizados com a natureza.

Conheça um pouco da Aldeia da Serra do Padeiro, na Terra Indígena Tupinambá, neste vídeo produzido pela Brigada do Audiovisual dos Povos, da qual o Mercado Sul Vive também faz parte: <https://www.youtube.com/watch?v=G8d4UIUGtrA>

Para saber mais sobre o assassinato de Vilmar e Leomar: www.mst.org.br/2016/04/08/mst-repudia-acao-da-pm-e-exige-punicao-imediata-dos-responsaveis-pelo-crime-cometido-contra-os-sem-terra-no-parana.html

Carta Aberta da Ocupação Cultural Mercado Sul Vive – criminalização e água como direito humano

19 abr, 2017



Diante das operações realizadas pela Companhia de Água e Esgoto de Brasília – Caesb na área do Mercado Sul, Taguatinga/DF, em que foi veiculada uma matéria no Correio Brasiliense, no dia 12/04/2017, intitulada “**Caesb estima prejuízo mensal de R\$ 2,7 milhões com ligações clandestinas**”, segue abaixo a nota da Ocupação Cultural Mercado Sul Vive sobre o ocorrido. Diante dos ataques que recebemos do jornal que praticamente nos acusou de ter instalado as ligações clandestinas, sem nem ao menos conhecer a situação da área e apurar os fatos corretamente.

CARTA ABERTA

CRISE HÍDRICA OU CRISE POLÍTICA? CRIMINALIZAÇÃO E ÁGUA COMO DIREITO HUMANO!

A Ocupação Cultural Mercado Sul Vive (MSV) vêm a público esclarecer a

situação em que fomos arbitrariamente envolvidos no tocante à ação espetacular da Companhia de Água e Esgoto de Brasília – CAESB na última quarta-feira (12/04), referente a o fechamento de ligações clandestinas de água na área do Mercado Sul, em Taguatinga/DF.

Em primeiro lugar, manifestamos nossa estranheza e indignação com a ação coordenada entre a CAESB e a imprensa em uma intervenção invasiva e ameaçadora nos espaços da ocupação cultural, local que sempre esteve aberto desde seu primeiro dia com a proposta de fortalecimento dos vínculos comunitários, valorização das manifestações culturais e transformação da vida urbana baseada na solidariedade, sustentabilidade e justiça social.

Ao contrário do que foi afirmado na matéria do Correio Braziliense (http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/04/12/inter_na_cidadesdf,588022/caesb-estima-prejuizo-mensal-de-r-2-7-mi-com_ligacoes-clandestinas.shtml), a ocupação não corresponde à totalidade da comunidade do Mercado Sul. Somos parte constituinte deste território, mas nele também vivem e trabalham de maneira bem diversa várias outras pessoas e iniciativas. Essa desinformação serve a uma confusão que nos parece premeditada no sentido da criminalização do local e busca de possíveis “atritos internos”.

É preciso deixar claro a toda a população do Distrito Federal que o MSV já buscou inúmeras vezes solucionar e regularizar sua situação frente à Companhia de Abastecimento, algo que não se concretizou não por nossa passividade mas por situações burocráticas e alegadamente jurídicas apontadas pela própria CAESB, visto que ainda passamos por um processo de defesa legal que nos assegure a permanência regular nos espaços da ocupação. Inclusive, faz-se necessário publicizar que participamos de vários espaços de negociação com o Governo do Distrito Federal sobre nossa situação e estamos em pleno processo de defesa judicial.

Para além do ponto de nossa regularização, manifestamos enfaticamente

nosso desacordo com a campanha de difamação e criminalização nos associando à crise hídrica do DF. Uma artilosa transferência de responsabilidade que sabemos ser plena do Governo de Brasília para a sociedade civil, uma clara execução da estratégia de desvio de foco e direcionamento da culpa para elos mais “frágeis” da sociedade. Só que o Governo de Brasília não conta com a força de nossa organização e dignidade na certeza de que lutamos a boa luta em defesa de um mundo melhor e mais justo, um outro mundo em que a água é considerada um bem comum e um direito humano imprescindível e inalienável, não puramente uma mercadoria.

Culpabilizar uma comunidade que luta por sua dignidade e garantia de seus direitos, dentre eles o acesso à água, o direito à moradia e de forma mais ampla o direito à cidade, é sinal de um governo que não dialoga com a sociedade, que busca aliviar sua culpa no processo da crise hídrica e que se curva diante das forças econômicas e políticas de quem realmente consome mais água de uma maneira insustentável, vide a média de consumo nos setores mais ricos da capital e o uso irresponsável por setores empresariais e do agronegócio.

Ao invés deste governo buscar solucionar nossa situação dentro de parâmetros legítimos e legais, optou por criar um espetáculo no qual somos publicamente criminalizados, buscando nos tornar vilões de uma situação absurda no qual somos verdadeiramente vítimas.